

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

DIEGO BARBOZA DE ALMEIDA BARROSO

**ESTUDOS DIACRONICOS: “SINAIS PERDIDOS” NA CIDADE DE
MANAUS**

MANAUS-AM
2018

DIEGO BARBOZA DE ALMEIDA BARROSO

**ESTUDOS DIACRONICOS: “SINAIS PERDIDOS” NA CIDADE DE
MANAUS**

Trabalho de Conclusão de Curso
Licenciatura em Letras Libras da
**Universidade Federal do Amazonas –
UFAM**, realizado como parte das exigências
para a obtenção do título de Licenciado em
LETRAS - LIBRAS.

MARY ANDREA XAVIER LAGES

MANAUS-AM
2018

DIEGO BARBOZA DE ALMEIDA BARROSO

**ESTUDOS DIACRONICOS: “SINAIS PERDIDOS” NA CIDADE DE
MANAUS**

Trabalho de Conclusão de Curso
Licenciatura em Letras Libras da
**Universidade Federal do Amazonas –
UFAM**, realizado como parte das exigências
para a obtenção do título de Licenciado em
LETRAS - LIBRAS.

Aprovado em _____

Banca examinadora

Prof^o M.^a Mary Andrea Xavier Lages,
Presidente
Universidade Federal do Amazonas

Prof^o M.e Hamilton Pereira Rodrigues,
Membro
Universidade Federal do Amazonas

Prof^o Esp. Tatyana Sampaio Monteiro Pessoa da Costa,
Membro
Universidade Federal do Amazonas

AGRADECIMENTOS

- A Deus por sua imensa fidelidade, lealdade por nós e por seu eterno amor. Por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.
- A Universidade Federal do Amazonas, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, eivado pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presentes.
- A minha orientadora Mary Andrea Xavier Lages, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.
- Aos meus pais pelo amor, incentivo, e apoio incondicional.
- A comunidade surda que contribuiu com a pesquisa.
- Ao meu grande amigo Rafael Marinho Rodrigues pelo incessável apoio e incentivo.
- E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

Consequentemente, a evolução do desenvolvimento linguístico da comunidade ficou estagnado por décadas, até que novamente o poder público passou a ter um olhar mais humanizado sobre a comunidade surda, que atualmente pode contar com grupos de apoio e instituições bem organizadas.

Mary Andrea Xavier Lages

Estudos diacrônicos: um levantamento lexicográfico de “sinais perdidos” da cidade de Manaus

Diego Barboza de Almeida Barroso

Mary Andrea Xavier Lages

Resumo

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) tornou-se a língua natural da comunidade surda oficialmente em 2002, através da Lei nº 10.436, com regulamentação no Decreto nº 5.626, em 2005, garantindo-se assim um direito e obtendo-se uma conquista com o reconhecimento da mesma. A partir deste pressuposto, é preciso compreender que esta língua, como qualquer outra, está em constante mudança, isso se dando pela circulação dos discursos dos usuários. O objetivo principal do presente trabalho é abordar, sob o ponto de vista diacrônico e tendo como alvo a Língua Brasileira de Sinais, o abandono e troca por outro de certo léxico utilizado pela comunidade surda na cidade de Manaus. Trata-se de uma abordagem qualitativa, pois não se preocupa com números, mas sim com mudanças que afetam a comunicação linguística entre pessoas. A Língua Brasileira de Sinais teve a sua origem na adaptação que o francês Ernest Huet, surdo e ex-aluno do Instituto de Paris, fez de língua de sinais francesa à realidade dos surdos do Brasil. O português falado no Brasil apresenta variantes regionais, ou seja, assim como certas palavras são mais utilizadas em determinada região do que em outras, há também a possibilidade de variarem suas pronúncias. A diacronia baseia-se no estudo de um fato, acontecimento ou de uma modificação linguística através dos tempos.

Palavras-Chave: Libras. Língua de Sinais. Diacronia. Manaus.

Abstract

The Brazilian Language of Signals (Pounds) became the natural language of the deaf community officially in 2002, through Law No. 10,436, with regulations in Decree No. 5,626, in 2005, thus guaranteeing a right, a conquest for such and recognition of it. Given the assumption, it is necessary to understand that the language is constantly changing, this is due to the circulation of the users' discourses. The main objective of this work will be a diachronic study on the Brazilian Language of Signals and how the deafness of lexicons used by the deaf community occurred in the city of Manaus. It is a qualitative approach, therefore, it is not concerned with numbers, but with regard to deepening and how it will be understood by people. The Brazilian Language of Signs originated, through the insertion of French sign language, by the then French, Ernest Huet, deaf and former student of the Paris Institute in Europe. In Brazil there is regionalism, that is, just as certain words are more used in one region than in others, there is also the possibility of varying their pronunciations. Diachrony is based on the study of a fact, event, or a modification linguistics through the ages.

Key-words: Libras. Sign language. Diacronia. Manaus.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	p.8-9
2. METODOLOGIA.....	p.9
3. A LINGUA DE SINAIS NO BRASIL.....	p.10-13
4. LINGUAGEM E LINGUA.....	p.13-14
5. DIACRONIA.....	p.14-16
6. ANÁLISE E RESULTADO DOS SINAIS UTILIZADOS ANTIGAMENTE E OS SINAIS QUE FORAM SUBSTITUIDOS ATUALMENTE NA CIDADE DE MANAUS-AM.....	p.16-20
7. CONCLUSÃO.....	p.20-21
8. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	p.22-23
9. ANEXOS.....	p.24

1. INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) tornou-se a língua natural da comunidade surda oficialmente em 2002, através da Lei nº 10.436, com regulamentação no Decreto nº 5.626, em 2005, garantindo-se assim um direito, uma conquista para tal e reconhecimento da mesma, cujo, as implicações estão inseridas em diversas esferas sociais, como manifestações e expressões no acesso à saúde, à educação, à cultura, ao trabalho etc. Tornou-se também, a segunda língua oficial do Brasil, dessa forma, entende-se, tal necessidade do conhecimento da Libras para socialização, aprendizagem, formação profissional e pessoal. De acordo com os dados do IBGE (2010) há pouco mais de 9 milhões de pessoas identificadas com alguma dificuldade de ouvir, mas nem todas conhecem e utilizam a Libras como meio de comunicação.

Ressalta-se ainda que em tempos mais recuados a Libras no Brasil não era alvo de tanta atenção como hoje: em termos simples, a Libras era apenas utilizada pela comunidade surda, educadores, familiares (na maioria das vezes, os mais próximos) de surdos, uma quantidade pequena de amigos ouvintes e pessoas que por ela se interessavam e a aprendiam por questões profissionais.

Diante deste pressuposto, é preciso, antes de mais nada, compreender que a língua está em constante mudança. Isso resulta da circulação dos discursos dos usuários, sendo que cada povo e cada sociedade constantemente acrescentam à língua novas palavras, novos conceitos e novas ideias. Quando esta constatação tem em consideração as línguas de sinais, tal transformação torna-se evidente. Ora, ao tratar-se dessas mudanças, mesmo tendo em consideração os avanços e investimentos em estudos linguísticos efetuados na área da Libras, observa-se a falta de registros e anotações relevantes sobre a mesma, por forma a possibilitarem um estudo aprofundado dos sinais “esquecidos” e que entraram em desuso, especificamente, no caso que nos interessa, na cidade de Manaus/AM. Dito isto, o objetivo principal deste presente trabalho será abordar, mediante um estudo diacrônico voltado para a Língua Brasileira de Sinais, o como ocorreu o desuso de léxicos utilizados pela comunidade surda na cidade de Manaus.

Tendo este escopo em vista, pretendemos: primeiro, coletar um corpus linguístico através de pesquisa semiestruturada através de relatos de surdos

nativos da cidade de Manaus; em seguida, identificar os sinais que entraram em desuso na comunicação da Língua Brasileira de Sinais na cidade de Manaus; analisar, depois, os dados coletados através de comparações cronológicas; finalmente, fazer o registro dos léxicos que foram substituídos por novos sinais.

2. METODOLOGIA

Segundo Zanella (2011) a Pesquisa é um procedimento cognitivo, metódico, moderado e analítico, que possibilita explorar acontecimentos vigentes ou dados, ligações, associações ou leis, em todo e qualquer ramo da compreensão. (ANDEREGG apud LAKATOS; MARCONI, 1991, p. 154).

Dessa forma, este estudo trata-se de uma abordagem qualitativa, pois, não se preocupa com relação aos números, mas sim com relação ao aprofundamento e de como ela será compreendida pelas pessoas.

O tipo de pesquisa é descritivo, pois, de acordo com Mauri (20-?)* a pesquisa descritiva é aquela que analisa, observa, registra e correlaciona aspectos (variáveis) que envolvem fatos ou fenômenos, sem manipulá-los.

Dado a natureza do trabalho, o mesmo, baseou-se através de filmagens a fim de registrar os dados coletados, uma vez que a Libras se trata de uma língua Visual-espacial. Foi realizado 3 entrevistas com surdos, 2 homens e 1 mulher, nativos de Manaus, com idade entre 55 a 74 anos. Que contribuíram para a realização deste trabalho, com um total de 12 sinais, porém, apenas 6 foram adicionados aqui, onde buscou-se compreender sinais antigos que eram utilizados por eles e que hoje foram substituídos.

Vale ressaltar, a dificuldade que tive em conseguir pessoas surdas para contribuir com este estudo, pois observou-se uma certa timidez, insegurança ou algum tipo de constrangimento ao participar de uma entrevista e/ou gravações em vídeos.

3. A LINGUA DE SINAIS NO BRASIL

A Língua Brasileira de sinais teve a sua origem a partir da adaptação da língua de sinais francesa, devida ao francês residente no Brasil, Hernest Huet, ex-

* Referência de ano e data não informado no artigo

aluno do Instituto de Paris, na França. A Libras resultou da mistura da língua de sinais utilizada pelos surdos no Brasil com a língua de sinais francesa. Huet solicitou a Dom Pedro II um espaço em que pudesse funcionar a primeira instituição de educação de surdos no Brasil, criada em 1857, no Rio de Janeiro, e hoje intitulada INES: Instituto Nacional de Educação de Surdos.

Por este motivo, Kumada (2016) diz que há semelhanças no alfabeto manual da Libras e o alfabeto Europeu de Bonet, bem como a existência de alguns sinais no vocabulário da Libras que se assemelham ao vocabulário da língua de sinais francesa. As diferenças, porém, entre o método visual e o método oral se acentuaram com o passar dos anos. É que, de fato, mesmo que no método visual se tenham constatado chances maiores de sucesso durante a educação de surdos, o método oral ainda levava consigo os preconceitos entranhados na cultura dominante, que considerava que o surdo só poderia ser incluso na sociedade dita “normal” se fosse capaz de oralizar.

Segundo Temoteo (2012) (*Apud* Albino; Silva; Oliveira, 2016), o primeiro registro impresso de Libras de que se tem conhecimento no Brasil data do século XIX: o manual do surdo Flausino Gama, cujo título é *Iconographia dos signaes dos surdos-mudos*, de 1875. A obra de Gama é de suma importância para a Lexicografia da Língua de Sinais Brasileira, pois faz parte de sua história e é um marco da origem da língua. Desde a publicação do manual de Libras de Gama (1875), muitos outros manuais foram publicados no século XX, contudo, nenhum dicionário de Libras impresso havia sido publicado no Brasil até 2001, ano em que se deu a publicação do *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira – Libras* (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001).

Ao longo do tempo, e sobretudo com a criação e desenvolvimento das tecnologias e dos aparelhos de amplificação sonora individual, fortaleceu-se o ponto de vista daqueles que defendiam a educação oralista e buscavam “trazer de volta” a audição daqueles que ainda possuíam mesmo que fosse um resquício auditivo.

No entanto, tais esforços foram vãos e tais esperanças resultaram frustradas ao observar-se o fracasso do oralismo e o baixíssimo rendimento dos alunos surdos durante o período na escola e sobretudo ao concluírem os estudos, tornando difícil o

acesso dos surdos ao mercado de trabalho em que se exigissem maiores habilidades cognitivas, ficando circunscrito o seu leque de escolhas profissionais a trabalhos considerados menores e pouco qualificados, como sapateiros etc.

No entanto, apesar de proibidas, as línguas de sinais continuaram a ser transmitidas de geração em geração graças aos jovens surdos, principalmente filhos de pais surdos, que se comunicavam às escondidas por meio das línguas de sinais em colégios e escolas residenciais (CARVALHO, 2007).

A situação mudou de forma radical após os estudos científicos comprobatórios do estatuto de língua a dever ser atribuída à língua de sinais americana, feitos em 1960 pelo linguista William Stokoe, autor que deve ser apontado como o primeiro linguista que afirmou e comprovou com bases científicas que a língua de sinais era uma língua como qualquer outra e que deveria ser analisada em relação a um determinado parâmetro linguístico.

Stokoe foi o primeiro pesquisador a defender, do ponto de vista da Linguística, que as línguas de sinais são línguas naturais. Ele evidenciou que essas línguas partilham com as línguas orais princípios estruturais. Demonstrou que os sinais, itens lexicais das línguas sinalizadas, ao contrário do que se pensava em sua época, não são desenhos holísticos feitos no ar. (XAVIER & BARBOSA, 2014)

Conseqüentemente, foi trazida de volta a proposta de uma abordagem chamada de Comunicação Total, que consistia no uso de sinais, da escrita, da pantomima, do alfabeto digital e da fala oral. Porém, tal como sucedera com o oralismo, esta abordagem não obteve sucesso na escolarização de surdos. No entanto, foi útil no sentido em que contribuiu para o resgate da utilização dos sinais, retomando assim, o ambiente formal de ensino e educação.

Nestes 80 anos seguintes, com a proibição do uso de sinais, foram notados fracassos em todo o mundo: os surdos passavam por oito anos de escolaridade com pouca apreensão do conhecimento acadêmico, não lhes restando muitas opções profissionais. Além de não terem as suas dificuldades respeitadas, os surdos que não se adaptavam ao Oralismo e eram, muitas vezes, considerados retardados. O interesse das pessoas era o de fazer com que o surdo mudasse. O comodismo da situação fazia com que o interesse maior fosse na normalização do surdo, através do desenvolvimento da fala. (SILVA & CAMPREGHER, 2017)

No ano de 1980, a comunidade surda reuniu-se e pugnou em prol do respeito pelos seus direitos, mais precisamente, os surdos reivindicaram e exigiram o respeito pela liberdade de serem educados na língua de sinais. “Esse movimento sensibilizou alguns educadores da área e, com isso, emergiu uma nova proposta de ensino para surdos: o bilinguismo.” (KUMADA, 2016).

Em termos simples, o bilinguismo no ensino surdo está centrado numa abordagem educacional na qual a língua de sinais funciona como a primeira língua dos surdos, ao passo que a língua portuguesa tem o papel de segunda língua, e apenas na modalidade escrita. Este tipo de ensino facilitou a aprendizagem dos surdos, fazendo com que alcançassem maiores êxitos profissionais, pessoais e acadêmicos.

Algumas pessoas consideravam (e muitas ainda consideram) a língua de sinais como algo desagradável, alegando que deste modo se enclausuram os surdos numa subcultura e se limita a sua capacidade de se realizarem numa sociedade ouvinte. No entanto, para outras pessoas, a língua de sinais é um ajuste adequado para uma sociedade inteligente, onde sua convivência depende de um processo de comunicação que utiliza a visão na ausência da audição. “Quando a linguagem de sinais é considerada um recurso valioso para a comunidade dos surdos, é mais provável que também seja encarada como instrumento útil para educadores e outros profissionais”. (W. HOEMANN; E. OATES; A. HOEMANN, 1983)

Graças à fundação de escolas e instituições para crianças surdas, que tiveram como objetivo principal fornecer apoio educacional, o desenvolvimento da língua de sinais no Brasil foi intensificado, despertando assim um outro movimento, que foi a criação de uma comunidade surda, integrada por indivíduos de diferentes gêneros, idades e culturas, em que a interação individual dos membros que a constituem fez com que adquirissem uma bem marcada identidade social, possibilitando o desenvolvimento das suas qualidades, capacidades e o aprendizado de como agir socialmente.

4. LINGUAGEM E LINGUA

Segundo Albino, Silva e Oliveira (2016), vários pesquisadores têm estudado a mente humana a partir do relacionamento intrínseco entre as percepções sensoriais e as percepções motoras agregadas às práticas cotidianas. A partir daqui, tem se questionado muito a respeito do processo de aquisição de linguagem: é que, se a linguagem humana é fruto de uma construção que envolve mecanismos físicos e perceptuais, pode perguntar-se se há alguma distinção no cérebro humano para adquirir a linguagem de sinais e a linguagem convencional?

Até bem pouco tempo atrás tudo o que sabíamos acerca da linguagem humana, foi obtido do estudo da língua falada... Mas se as línguas de sinais são línguas autônomas, então elas constituem uma experiência da natureza que nos permite abordar seriamente problemas fundamentais relacionados com a capacidade de produzir linguagem e a forma da linguagem. (KLIMA & BELLUGI, p.1,2. 1979)

De acordo com Nascimento & Nascimento (2010), a linguagem humana é o tipo de linguagem que mais desperta o interesse dos pesquisadores, devido à sua complexidade, a pluralidade de funções, à relevância no desenvolvimento cognitivo do ser humano e, também, pela importância que possui para a convivência em sociedade. São de fato inúmeras as investigações feitas, e as que continuam fazendo-se sobre este aspecto da linguagem: há, realmente, sociedade sem linguagem? Esta discussão está longe de ter-se encerrado e inclui outros assuntos, muitos deles polêmicos e controversos. A linguagem, desde a antiguidade grega tem sido objeto de interesse e estudo por muitos autores, abordando um vasto campo de formas de comunicação, sendo que a língua é uma especialização da linguagem. Considera-se a linguagem como um termo de significação lata, porquanto alcança vários matizes de significação; podemos, porém, classificá-la como um conjunto de comunicação verbal ou não verbal, que tem a competência de criar e desenvolver a comunicação, ou seja, claramente, uma língua.

Com este termo, abarca-se a linguagem matemática, binária, técnica, corporal, humana, animal, entre outras formas de comunicação. Além disso, está integrada por um sistema de signos, utilizados como meio de transmissão de ideias, de expressar sentimentos e pensamentos, que expressam significados através de

sinais ou estímulos sonoros, gráficos, visuais/gestuais, etc. Ao falar sobre a linguagem animal e humana, a ciência busca a diferenciação de ambas, pois, ao afirmar apenas que a linguagem humana é simplesmente uma forma de comunicação, está-se a igualá-la com linguagem dos animais, uma vez que algumas espécies tem a capacidade de se comunicar.

Por sua vez, as línguas “são sistemas de regras que possuem finitas unidades com as quais podem ser produzidas infinitas sentenças. Não existe uma língua mais complexa que outra. Todas as línguas são igualmente complexas”. (NASCIMENTO & NASCIMENTO, 2010)

Diante deste pressuposto, percebe-se que há uma espécie de julgamento precipitado por parte de algumas pessoas que não têm o suficiente conhecimento acerca de uma determinada língua, acreditando, por exemplo, que existem certas línguas melhores que outras. Por isso, ao considerarem línguas que aparentemente não apresentam complexidade ou em que não há categorias gramaticais ou classes de palavras, erroneamente as supõem defectivas e sem dificuldades para aprender.

Este tipo de pensamento também está presente em relação à língua de sinais, existindo algumas pessoas que acreditam que a Libras não contém estruturas complexas, e isto porque não conseguem perceber as diferentes variações ou porque desconhecem que, por exemplo, na língua de sinais, uma palavra pode expressar uma frase completa.

5. DIACRONIA

Baseia-se no estudo de um fato, acontecimento ou de uma modificação linguística ao longo dos tempos. Este estudo contribui para a compreensão de uma língua ou mostra como um fenômeno linguístico progrediu, não estando restrito apenas ao estudo das Línguas, mas podendo efetuar-se em todas as áreas do conhecimento.

Segundo Athiry-cherque, (2006) nos estudos das línguas, a diacronia entende-se como um estudo linguístico de caráter evolutivo e relativo, efetuado através do tempo, das estruturas que se sucedem: ou seja, retrata a caminhada histórica de uma língua específica. Já Pereira (2009) diz que a “análise diacrônica se

concentra na evolução estrutural, fonológica e morfossintática de uma determinada língua.”

Por sua vez, Quadros (2003) diz que o eixo diacrônico é a base das evoluções, porque no estudo diacrônico a língua é analisada como objeto de um conjunto de transformações, que acontecem ao longo do tempo, mas que acontecem naturalmente. Em algumas situações isoladas, as mudanças linguísticas aconteceram pelo fato de a língua estar exposta a pressões externas, devido ao contato com outras línguas ou por conta de alterações sociais. Contudo, motivos internos à própria língua também ocasionam mudanças linguísticas.

Os primeiros estudos linguísticos e análises de línguas reconhecidas pela humanidade, eram feitos mediante o método comparativo, com o intuito de estipular uma semelhança na evolução da língua num determinado período. “Nesse sentido, os linguistas buscavam, por meio da análise e da comparação, entender a relação de fatos ou fenômenos linguísticos anteriores com os posteriores, ou seja, comparar fatos que provocaram mudanças no percurso de uma determinada língua”. (BENASSI et al., 2006)

De acordo com Fiorin (2006, p.8), existem 5 itens teóricos principais, que são identificados nos diferentes níveis pela ciência da linguagem entre os séculos XIX e XX. São eles: a língua, a competência, a variação, a mudança e o uso. Além disso, mesmo que Saussure diga que na base da língua se encontra a arbitrariedade, ao olhar para a língua do ponto de vista diacrônico observa-se a função essencial do estímulo e da propriedade icônica (iconicidade), na formação e criação de palavras novas, pois, “ao longo da história da língua, grande parte das mudanças podem ser explicadas por meio de motivações que com o tempo acabam se perdendo”

Dessa forma, vemos que a Libras tem uma certa motivação icônica, mas que em parte se perde no percurso, ainda que tampouco seja uma criação totalmente subjetiva, como outras línguas, cujos símbolos linguísticos se apresentam como fortemente arbitrários. A Libras carrega em si uma semelhança, uma referência com a forma do sinal, mas acaba por acontecer que as especificidades icônicas da língua são esquecidas, e os ícones, que no início se encontravam na forma, passam a ser cognitivos.

Já Wilcox & Wilcox (2005) diz que não são só as articulações primárias, como, por exemplo, as mãos e o rosto, que demonstram o sinal ou a informação. Há também expressões faciais, posturas corporais, para além de outros gestos não-manuais, que fazem parte dos pontos articulatórios secundários e através dos quais se expressam informações gramaticais, como: interrogação, negação, afirmação, relação e condição; do mesmo modo, aqui também se incluem informações adverbiais e discursivas. Estes pontos, como dissemos, são considerados como sinais não-manuais.

6. ANÁLISE E RESULTADO DOS SINAIS UTILIZADOS ANTIGAMENTE: OS SINAIS QUE FORAM SUBSTITUIDOS ATUALMENTE NA CIDADE DE MANAUS-AM

Após analisarmos o contexto histórico, origem da Libras e sua influência nos estudos sociais e linguísticos, apresento nesta seção os sinais antigos e atuais repassados por surdos nativos de Manaus, observando as mudanças léxicas e influência dessas mudanças. Análises baseada na tabela de configuração de mão (CM) do INES,



Figura 1: Teatro Amazonas, sinal antigo

Na figura 1, temos o sinal antigo de Teatro Amazonas (símbolo cultural da cidade de Manaus). Observa-se que a mão de apoio está em CM 69, com as palmas das mãos para baixo e paradas, mão predominante em CM 01, fazendo um movimento semicircular do antebraço da mão de apoio até o dorso da mesma.



Figura 2: Teatro Amazonas, sinal atual

Na figura 2, temos o sinal Teatro Amazonas utilizado atualmente, onde se observa que é feito com as duas mãos em CM 24, com as palmas das mãos para trás, os indicadores e o dorso dos dedos mínimos se encostam.



Figura 3: Tarumã, sinal antigo

Na figura 3, temos o sinal Tarumã, onde a mão de apoio está espalmada para baixo em CM 69, parada, e a mão predominante em cima do dorso da mão de apoio em CM 20, alterando para CM 06, com todos os dedos fazendo movimentos alternados simbolizando as águas descendo sobre a pedra.



Figura 4: Tarumã, sinal atual

Na figura 4, observa-se que o sinal atual de Tarumã é produzido com a mão predominante em CM 64, com as palmas das mãos para trás e o polegar dobra levemente para baixo.



Figura 5: UFAM, sinal antigo

Na figura 5, temos o sinal UFAM, onde a mão predominante está em CM 19, com as palmas das mãos para frente fazendo um movimento semicircular da esquerda para a direita.



Figura 6: UFAM, sinal atual

Na figura 6, observa-se que a mão predominante está em CM 34, com as palmas das mãos para a frente, movimento semicircular dos dedos indicador e médio até se encostarem no polegar, no espaço neutro.



Figura 7: FAB (Força Aérea Brasileira), sinal antigo

Na figura 7, observa-se que a mão de apoio está em CM 01, palmas das mãos para baixo, mão predominante em CM 64, palmas das mãos para baixo com movimento retilíneo de cima para baixo, da direita para a esquerda até a mão predominante fazendo o movimento de pouso na mão de apoio.



Figura 8: FAB (Força Aérea Brasileira) sinal atual

Na figura 8, observa-se que as duas palmas das mãos estão para dentro e para baixo, em CM 01 tocando na lateral da testa fazendo um movimento semicircular onde as mãos finalizam o sinal no espaço neutro.



Figura 9: Aranha, sinal antigo

Na figura 9, as duas mãos estão com as palmas para baixo em CM 06, onde o punho da mão predominante está em cima do punho da mão de apoio e os dedos se movem simbolizando as patas da aranha, no espaço neutro.



Figura 10: Aranha, sinal atual

Na figura 10, observa-se a mão de apoio espalmada para baixo em CM 05, antebraço estendido na parte frontal do corpo, no espaço neutro, a mão predominante em CM 06 com as palmas das mãos para baixo, em cima do antebraço da mão de apoio, tendo um movimento retilíneo onde os dedos simbolizam os movimentos das pernas da aranha andando do punho até o antebraço da mão de apoio.



Figura 11: Porto (Fluvial de Manaus), sinal antigo

Na figura 11, as duas mãos estão com as palmas para baixo em CM 01, mão predominante atrás do antebraço fazendo o classificador de 3 bancos um ao lado do outro.



Figura 12: Porto (Fluvial de Manaus) sinal atual

Na figura 12, observamos que a mão de apoio em CM 64, mão predominante está na CM 21, as pontas dos dedos indicador e médio da mão predominante estão tocando no dedo maior de todos da mão de apoio, fazendo movimento para cima e para baixo com as duas mãos tocadas.

7. CONCLUSÃO

O presente estudo nos permitiu conhecer um pouco mais a respeito dos sinais que eram utilizados em Manaus antigamente, e que hoje foram substituídos por sinais novos. Além disso, procurou-se conhecer e compreender os aspectos

históricos, sociais, culturais e linguísticos da Libras no contexto geral, bem como certos conceitos e significados conectados com o objeto imediato deste trabalho.

Ressalta-se ainda que este estudo não chega a resultados completos, mas apenas parciais e em relação com os sinais analisados, levando em consideração que há a probabilidade de existirem outros sinais que foram utilizados antigamente na cidade de Manaus e que não se coligiram aqui.

A busca desses sinais representou um grande desafio, sendo também de salientar a carência de registros e de estudos específicos voltados para esta área.

Portanto, após as considerações aqui consignadas, conclui-se que as mudanças verificadas ao longo do tempo alteraram os sinais, dando-se o caso de que alguns deles se tornaram icônicos e representando variações no sistema linguístico da Libras.

Deu-se, portanto, uma contribuição para o registro desses sinais antigos, a fim de que se tenha ideia deles e de como os surdos de antigamente se comunicavam, para além do conhecimento que assim se obteve desse processo de transição de um sinal antigo para outro na cidade de Manaus.

8. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS (IBGE). **Censo Demográfico 2010:** características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia_tab_pdf.shtm acesso em: 05 dez. 2018
- ZANELLA, L. C. H. **Metodologia de Pesquisa.** Universidade Federal de Santa Catarina, 2ed, 2011.
- _____. **Pesquisa Científica:** Conceitos e tipos. Rev. Metodologia Científica e da Pesquisa. Universidade do Sul de Santa Catarina.
- KUMADA, K. M. O. **Libras:** Língua Brasileira de Sinais. Londrina: editora e distribuidora educacional S.A., 2016.
- DINIZ, H. G. **A história da Língua de Sinais Brasileira (Libras):** Um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Florianópolis-sc 2010.
- HOEMANN, H. W. OATES, E. HOEMANN, S. A. **Língua de Sinais do Brasil.** Centro educacional para deficientes auditivos. Porto Alegre/RS, 1983.
- QUADROS, R. M. KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira – Estudos Linguísticos.** Porto Alegre. Artmed, 2004.
- RODRIGUES, E. F. **Variação linguística:** uma análise comparativa das competências linguísticas nas escolhas lexicais dos sinais produzidos pelos profissionais tradutores intérpretes de língua de sinais / língua portuguesa – tilsp de manaus e são Paulo. Centro virtual de cultura surda, revista virtual de cultura surda edição nº 22, setembro de 2017.
- ALBINO, I. B. SILVA, J. E. F. OLIVEIRA, L. N. S. **A muitas mãos:** contribuição aos estudos surdos. Natal-RN: EDUFRRN, 2016.
- KLIMA, E. H, BELLUGI. **The Signs of Language.** Harvard University Press, 1979
- CARVALHO, P. V. **Breve histórico dos surdos:** no mundo e em Portugal. Lisboa: Surd’Universo, 2007.

- XAVIER, A. N. BARBOSA, P. A. **Diferentes pronúncias em uma língua não sonora? um estudo da variação na produção de sinais da libras.** D.e.l.t.a. 30.2, 2014 (371-413).
- SILVA, D. E. P. CAMPREGHER, J. **A evolução diacrônica da língua brasileira de sinais.** Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI. Indaial/SC. rev maiêutica, indaial, v. 5, n. 01, p. 7-12, 2017.
- NASCIMENTO, S. P. F. NASCIMENTO, C. B. **Introdução aos estudos linguísticos: língua de sinais brasileira e língua portuguesa em foco.** Florianópolis, SC 2010.
- OATES, E. **Linguagem das mãos.** Editora Santuário, ed 17ª. Aparecida/SP, 1990.
- MARTELOTTA, M. E. **Manual de Linguística.** 2 ed., 3 reimpressão – São Paulo : Contexto, 2015.
- MUSSALIM, F. BENTES, A. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras.** Vol. 1. São Paulo: Cortez, 2001.
- THIRY-CHERQUES, H. R. **O primeiro estruturalismo: método de pesquisa para as Ciências da Gestão.** RAC, v. 10, nº. 2, Abr./Jun. 2006.
- PEREIRA, M. V. C. P. **Estruturalismo: definição e origem.** Disponível em <http://teorialiterariaufrj.blogspot.com.br/2009/06/estruturalismodefinicao-e-origem.html>. Consulta em 12 de dez. 2018.
- BENASSI, et al. Diacronia e sincronia: questões estruturais e de sentido na Libras. rev Diálogos v.4, n.2 2016.
- QUADROS, R. M. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa.** Brasília: MEC; SEESP; Programa Nacional de Apoio a Educação de Surdos, 2003.
- FIORIN, J. L. Teoria dos Signos. In: FIORIN, J. L.(Org.). **Introdução à Linguística I - Objetos Teóricos.** 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- WILCOX, S. WILCOX, P. **Aprender a Ver: o ensino da língua de sinais americana como segunda língua.** Trad. T. de A. Leite. Petrópolis/RJ: Arara Azul, 2005.

9. ANEXOS



Figura 13: Tabela de configuração de mão segundo INES.